

ENLACES AFETIVOS: A RELAÇÃO DO OBSERVADO COM A MEMÓRIA

AFFECTIVE ENTWINES: THE RELATIONSHIP OF THE OBSERVED WITH THE MEMORY

Diego Quadras de Bem,
Aurélia Regina de Souza Honorato,
Larissa Aparecida do Nascimento,
Guilherme Orestes Canarim¹

RESUMO:

O tema deste estudo concentra-se na análise da influência da experiência estética na produção artística e na formação estética dos estudantes, com base na vivência na exposição "Enlaces Afetivos" de Silvana Búrigo. O problema central desta pesquisa reside na complexa relação entre a experiência estética, a criação artística e o ensino de Arte. Para abordar essa questão, esta pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa que combina a análise da experiência pessoal do autor em relação à exposição "Enlaces Afetivos" com uma revisão teórica sobre estética, arte e educação artística. Com base na análise da exposição "Enlaces Afetivos" de Silvana Búrigo e na revisão teórica, é possível concluir que a experiência estética desempenha um papel fundamental na formação do artista e na compreensão da arte. A influência da experiência estética transcende o âmbito da apreciação artística e afeta diretamente a produção artística e a visão de mundo.

Palavras-chave: Experiência estética, Professor de artes, Exibição.

ABSTRACT:

The subject of this study focuses on analyzing the influence of aesthetic experience on artistic production and on students' aesthetic training, based on their experience at Silvana Búrigo's "Affective Links" exhibition. The central problem of this research lies in the complex relationship between aesthetic experience, artistic creation and art teaching. To address this issue, this research uses a qualitative approach that combines the analysis of the author's personal experience of the exhibition "Affective Links" with a theoretical review of aesthetics, art and art education. Based on the analysis of Silvana Búrigo's exhibition "Affective Links" and the theoretical review, it is possible to conclude that aesthetic experience plays a fundamental role in the formation of the artist and in the understanding of art. The influence of aesthetic experience transcends the realm of artistic appreciation and directly affects artistic production and worldview.

Keywords: Aesthetic experience, Art teacher, Exhibition.

¹ Todos os autores são filiados à Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: gocanarim@gmail.com

INTRODUÇÃO

Neste relato de experiência queremos criar um diálogo entre a exposição de Silvana Búrigo, chamada *Enlaces Afetivos*, com minha experiência sensível estética, em relação ao meu trabalho como artista. Além de contrapor com observações de pensadores que tratam sobre a estética nas obras de artes.

Neste relato de experiência, pretendemos estabelecer um diálogo entre a exposição “Enlaces Afetivos” de Silvana Búrigo e minha experiência sensível e estética, relacionando-a com meu trabalho como artista. Além disso, exploramos as observações de pensadores que abordam a estética nas obras de arte, aprofundando reflexões sobre a experiência estética e sua relação com a criatividade artística.

O problema central reside na complexa interação entre a experiência estética, a produção artística e a interpretação subjetiva das obras de arte. Como artista, espectador, professor e investigador, como posso compreender e contextualizar a minha experiência estética face à exposição de Silvana Búrigo, e como é que esta experiência informa o meu trabalho e a minha visão do mundo?

Este relato de experiência justifica-se pela relevância de investigar as nuances da experiência estética e sua influência na produção artística. A partir da experiência pessoal, a exposição “Conexões Afetivas” pode ampliar a compreensão da relação entre o criador, a obra e o espectador, bem como destacar a importância do papel do professor de artes na formação estética dos alunos. Além disso, ao aliar a experiência estética à reflexão teórica, pretendemos contribuir para o enriquecimento do campo da estética e da arte.

O objetivo principal deste relato experiencial é analisar a influência da experiência estética na produção artística e na interpretação de obras de arte, tendo como referência a exposição *Enlaces Afetivos* de Silvana Búrigo. Pretendemos explorar como esta delicada experiência pode ampliar a nossa compreensão da arte e do papel do professor de artes na formação estética dos alunos.

Este relatório classifica-se como um estudo qualitativo de natureza exploratória e descritiva. Busca compreender as dimensões subjetivas da experiência estética e sua relação com a produção artística, tomando como exemplo a exposição de Silvana Búrigo.

Uma análise da exposição “Enlaces Afetivos” e da experiência estética que ela proporciona revela a complexidade da relação entre o espectador, a obra de arte e o processo criativo. Através desta experiência, compreendi como a arte pode ir além da mera estética e conectar-se a questões mais profundas como identidade, memória e educação artística. Essas reflexões enriqueceram minha visão como artista e professora de artes, enfatizando a importância de provocar experiências estéticas significativas nos alunos.

Este relato de experiência está dividido em três seções principais. O primeiro capítulo trata da introdução e contextualização do tema, problematizando a relação entre experiência estética, produção artística e educação artística. O segundo capítulo detalha a experiência da exposição Enlaces Afetivos de Silvana Búrigo, explorando o impacto da obra no meu trabalho e na minha prática.

DESENVOLVIMENTO

Eu sou, simultaneamente, artista e amante da arte, estudante de arte, crítico de arte, e professor de arte. De modo a dizer que vivo de arte, por este motivo venho a desenvolver este ensaio sobre minha arte e sobre uma exposição de arte. Neste ensaio vou tentar me aproximar e compartilhar da minha fruição estética, em relação a mim mesmo e aos objetos expostos.

Na minha arte, proponho um diálogo com as técnicas de costura, muitas vezes relacionadas com o Toy Art² e com o artesanal. No Toy Art, crio bonecos e bonecas com características estéticas que me afetam, ou seja, eu posso me colocar muito mais em perspectiva do que no artesanal, porque no artesanal eu estou mais preocupado com a perfeição da técnica. Nesta perspectiva do meu trabalho, tenho uma aproximação muito maior do campo da escultura do que da pintura. Percebo então essas nuances, entre a escultura e a pintura, também produzo pinturas com tinta aquarela, mas como seria produzir pintura com tecido? Foi essa indagação que me levou a experimentar os materiais descartáveis da costura como pigmentação para meus trabalhos, utilizando de retalhos de tecido e fio, criando figuras abstratas e não abstratas, utilizando do escaneamento da minha própria impressora, conforme a figura 1 e 2, abaixo.

Essa exploração artística se transformou em uma jornada fascinante que me permitiu desafiar as convenções tradicionais da pintura. O uso de tecido como meio de expressão acrescentou dimensões táteis e texturais que são raras na pintura convencional. Os retalhos de tecido tornaram-se paletas de cores vivas e as linhas do bordado evoluíram para pinceladas únicas e expressivas.

Ao buscar materiais de costura descartáveis como pigmentação, encontrei um novo vocabulário visual que me permitiu criar obras de arte que transcendem as fronteiras entre as artes plásticas e as artes têxteis. A sobreposição de diferentes texturas e a combinação de elementos de tecido e fio deram origem a composições que têm vida própria, convidando os espectadores a explorar cada detalhe e descobrir histórias dentro das camadas de tecido.

² Quando se usa a expressão Toy Art, não se está falando apenas em brinquedo. Trata-se de um movimento contemporâneo, cujo conceito mistura design, moda, ilustração, urbanidade e outros elementos da cultura pop para criar brinquedos originais. Urban Vinyl, designer toys e boutique toys são outras denominações usadas para designar o Toy Art (PHOENIX, 2006, p.43)

A utilização da minha própria impressora para escanear e reproduzir essas criações trouxe uma dimensão adicional à minha prática artística. Isso me permitiu criar cópias das obras originais, ao mesmo tempo em que preservava a qualidade e a integridade das texturas e detalhes essenciais. Como resultado, minhas experiências com a produção de arte com tecido não apenas ampliaram meu repertório como artista, mas também abriram portas para novas formas de compartilhar e disseminar meu trabalho.



Figura 1 a esquerda; Sem Título, Artista Diego Canarim, 2022, Fonte: Acervo pessoal.
Figura 2 a direita; Vaso de Flores, Artista Diego Canarim, 2022, Fonte: Acervo pessoal.

A partir desta experimentação da pintura, como figura, percebo um potencial diferente no meu trabalho. Além disso, tive a sorte de conhecer a exposição da artista Silvana Búrigo de Florianópolis-SC, chamada “Enlaces Afetivos”, no espaço expositivo Toque de Arte, no hall de entrada da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense) com curadoria de Anna Morales, em 2022.



Fonte: <http://noticias.unesc.net/geral/2022/08/02/exposicao-enlaces-afetivos-ja-esta-aberta-para-visitacao-no-espaco-toque-de-arte-da-unesc/>

Nessa exposição, a artista utiliza as técnicas de bordado e costura, para contar suas lembranças, em uma espécie de diário. Os quadros estavam expostos tal como real, não foi utilizado uma fôrma ou uma cópia impressa. Apesar de apresentar uma proteção de vidro sobre as pinturas, era visível as texturas do tecido e do bordado. A artista sugere essa aproximação das duas técnicas com suas memórias, ela diz, “ Bordado sugere o enlace de afeto, os nós e as amarras da tessitura da vida. Costurar atua como agente de ligação de dois materiais, unindo fragmentos como a própria memória, que atua no presente e reconstrói vivências e saberes.” Silvia Búrigo, 2022.

A própria Búrigo descreve a profunda ligação entre as técnicas escolhidas e as suas recordações, articulando. Essa percepção ressalta como o ato de costurar serve como ponte entre esses materiais artísticos, espelhando o intrincado processo da própria memória. Assim como as memórias existem no presente, reunindo fragmentos de experiências e conhecimentos passados, o trabalho do artista também une vários elementos para criar uma narrativa significativa.

Na abordagem artística de Silvia Búrigo, o ato de bordar e bordar assume um papel simbólico profundo, refletindo a natureza complicada e interligada da experiência humana. Ao escolher estas técnicas para transmitir as suas memórias, ela não só preserva a sua história pessoal, mas também convida o espectador a refletir sobre os temas mais amplos da conexão humana, da emoção e da passagem do tempo.

A presença das suas obras, livres de gravuras ou reproduções, sublinha a autenticidade e singularidade de cada memória que retrata. O uso do vidro como proteção permite um equilíbrio delicado que mostra as qualidades táteis e sensoriais de seus materiais, preservando-os para a posteridade.

A afirmação de Búrigo de que o bordado representa “o vínculo do afeto, os nós e laços do tecido da vida” é uma visão profunda do poder da arte para evocar emoções e evocar memórias. Ela deixa claro que o próprio ato de criar pode ser uma jornada profundamente pessoal e emocional, assim como a memória entrelaça os fios de nossas vidas.

O que me provocou o olhar nesta exposição da artista, não foi somente a relação de matérias com o meu trabalho como artista, mas também a expressão estética de seu trabalho que se assemelha às pinturas da infância. Neste mesmo semestre começo minha trajetória como professor, por meio do estágio obrigatório na educação infantil. De modo que, a minha posição e experiências, me levaram a um olhar diferente. Não olho somente como artista e espectador, mas também como professor e pesquisador. Desta forma, posso entender que há um equilíbrio na minha relação como observado em relação aos trabalhos expostos.

Conforme Rancière (2011), a estética, no campo da arte, ou como campo científico da arte, trata somente do ponto de vista da experiência do sujeito em relação à observação do objeto. Assim, o autor vai designar regimes que movem o que é estética. Para ele, é no regime estético da arte que as formas de representações e modos de expressão são elaboradas. Aqui neste regime o autor faz uma reflexão sobre a estética:

A estética é a reflexão sobre esta contradição de fundo que torna a Arte autônoma enquanto esfera da experiência, ao mesmo tempo que erradica as fronteiras que separavam os objectos “ artísticos ” dos objectos e formas da vida prosaica. (RANCIÈRE, 2011, p.5)

A arte é, por sua própria natureza, uma esfera autônoma da experiência humana. Existe como uma entidade desligada da vida quotidiana, existindo num reino raro onde a criatividade reina suprema. A autonomia da arte reside na sua capacidade única de transcender as fronteiras do comum e levar-nos aos territórios inexplorados da imaginação, das emoções e da investigação intelectual. Nesta esfera, os artistas manejam os seus pincéis, cinzéis e palavras como mágicos, evocando mundos e sentimentos que falam ao âmago do nosso ser.

Uma dança complexa se desenvolve no campo da estética, uma dança que revela a essência da autonomia da arte, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, dissolve as fronteiras outrora rígidas que separavam os objetos de “arte” da estrutura da existência cotidiana. Este fenómeno desconcertante, como explicou o profundo pensador Jacques Rancière, é como um puzzle que nos convida a descobrir o fascinante mistério que é o lugar da arte no nosso mundo.

Mas aqui reside o paradoxo que Rancière tão brilhantemente revela: quando a arte afirma a sua autonomia, ela simultaneamente confunde as fronteiras que outrora separavam os objetos “artísticos” dos artefatos banais das nossas vidas prosaicas. Confunde as fronteiras que antes separavam o sagrado do profano, o extraordinário do ordinário. Desta forma, a arte infiltra-se na nossa vida quotidiana e deixa uma marca indelével na nossa consciência coletiva.

Esta natureza paradoxal da arte pode ser comparada à prestidigitação de um mágico, onde a realidade e a ilusão coexistem, desafiando a nossa percepção. A capacidade da arte de transformar o comum em extraordinário é uma prova do seu poder. Uma simples tela, um objeto cotidiano ou uma frase comum podem se tornar um recipiente para contemplação profunda e beleza transcendente nas mãos de um artista.

Imagine uma pintura que retrata o jogo de luz e sombra em uma esquina comum. De repente, o mundano torna-se sublime, à medida que os traços habilidosos do artista transformam uma cena banal numa obra de profunda beleza. Este poder transformador é a essência da autonomia da arte, a sua capacidade de iluminar o extraordinário no ordinário.

No entanto, ao quebrar as fronteiras que outrora separavam a expressão artística da vida cotidiana, a arte faz algo mais profundo. Democratiza a beleza, tornando-a acessível a todos. A arte lembra-nos que a beleza não é propriedade exclusiva da elite, mas um direito de nascença universal, disponível para qualquer pessoa disposta a parar e olhar o mundo com novos olhos.

Deste modo, o regime estético da arte, não deve ser enquadrado em momentos e características do objeto com arte, mas sim a relação do espectador com este objeto enquanto arte. Segundo ele, “A forma que é apreciada pela experiência estética não é a mesma forma que um artista impõe à matéria.” (RANCIÈRE, 2011, p.6).

Este espectador tem outros tipos de experiências subjetivas, isto interfere em seu modo de apreciação estética para cada objeto ou trabalho de arte a que este sujeito será exposto.

Na exposição de Silvia Búrigo, pude perceber esta diferenciação, pois a artista, em seu trabalho, demonstra as suas memórias e narrativas. Enquanto isso, eu, como espectador, percebi outra coisa relevante para mim naquele momento. O que me leva a pensar no conceito de “*Aura*” de Walter Benjamin (2013), ele diz:

Em suma, o que é a aura? É uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Observar, em repouso, numa tarde de verão, uma cadeia de montanhas no horizonte, ou um galho, que projeta sua sombra sobre nós, significa respirar a aura dessas montanhas, desse galho. (BENJAMIN, 2013, p.170)

O conceito de aura como uma experiência sensorial abrangente, que se estende além da mera percepção visual, abre de facto um reino de subjetividade e diversidade cultural. Embora possa ser uma forma poderosa e significativa de comunicação não verbal para alguns, outros podem não compartilhar a mesma percepção ou sensibilidade à aura. Esta subjetividade desafia a universalidade da aura como ferramenta comunicativa e destaca a importância das diferenças individuais na sua interpretação.

É crucial considerar as variações culturais na forma como a aura é compreendida e valorizada. Diferentes sociedades, sistemas de crenças e tradições podem ter suas próprias perspectivas sobre a aura. Explorar estas nuances culturais pode fornecer informações valiosas sobre a rica tapeçaria das experiências humanas e as diversas formas pelas quais as pessoas se conectam com o mundo ao seu redor através da aura.

Para proporcionar uma compreensão mais abrangente da aura, valeria a pena investigar explicações científicas e teorias relacionadas à sua existência e percepção. Existem estudos ou pesquisas científicas que apoiem ou desmascarem o fenômeno da aura? Uma exploração de perspectivas científicas pode contribuir para uma avaliação completa da aura, combinando experiências subjetivas e evidências empíricas.

No contexto da pesquisa artística que estamos discutindo, a citação de Benjamin pode ser vista como uma reflexão profunda sobre a natureza da experiência estética e como ela pode ser moldada e reinterpretada através da interação entre o criador, a obra de arte e o espectador. É um lembrete de que a arte tem o poder de transcender as limitações do espaço e do tempo, conectando-nos com algo maior e mais profundo do que a realidade imediata que nos cerca.

A analogia de Benjamin com a observação de uma cadeia de montanhas no horizonte ou um galho que projeta sua sombra sobre nós durante uma tarde de verão ilustra vividamente como a experiência da aura está ligada à nossa percepção e ao nosso estado de espírito. Ela sugere que a aura não é algo que simplesmente está presente na obra de arte, mas algo que é co-construído pela interação entre o observador e a obra.

Respirar a aura dessas montanhas ou da sombra do galho implica uma imersão profunda na experiência estética, onde somos capazes de sentir a presença e a singularidade daquilo que estamos contemplando. Essa experiência vai além da mera apreciação visual e nos permite conectar emocional e espiritualmente com a obra.

A minha experiência estética nesta exposição, poderia ser diferente se acontecesse em outro momento que não aquele, onde os simbolismos das figuras expostas, me trouxeram um sentimento ligado com minha questão corporal no campo da sala de aula. Deste modo, o conceito de Aura de Benjamin, tem significado neste momento, minha percepção estética em relação aos objetos da exposição, estão ligados em minha relação de corpo, que ocupa estes diferentes espaços.

A obra desta exposição que mais me impactou, foi o próprio trabalho da capa da exposição. Por ser uma cena que remete a sala de aula, que evoca todos estes aparatos de sentimentos, que envolvem o meu percurso na sala de aula. Foi ali, naquele momento, que pude ver, o quão valoroso poderá ser a minha contribuição como artista, para o ensino como professor de Arte. Pois naquela cena montada pela artista, compreendi haver muitas maneiras estéticas de entender o mundo, e o professor de Arte possui esta capacidade de poder provocar as experiências necessárias, para ampliar os olhares estéticos de seus estudantes.

CONCLUSÃO

Como tentei ressaltar, o simbolismo das figuras em exposição poderia não ter ressoado comigo da mesma forma em outro momento. Se tivesse vivido essa exposição numa altura diferente, poderia ter tido uma experiência estética diferente, percebido e relacionado a outras avaliações e processos.

Também, o que me chamou atenção na exposição desta artista não foram apenas as semelhanças entre os materiais utilizados no seu trabalho com o meu como artista, mas os aspectos da estética infantil expressa nas suas pinturas pela forma como as suas peças se assemelham a pinturas infantis.

Além disso, pude ver que a artista mostrava as suas memórias e histórias por meio do seu trabalho, enquanto eu, como espectador, via algo mais que era relevante para mim naquele momento.

Dessa forma, a experiência estética mobiliza e elabora diversas e complexas condições e elementos. Desde a experiência sensível, que é a base desta experiência, até às dimensões culturais, sociais e éticas que sustentam e qualificam qualquer interpretação. A experiência estética é uma experiência complexa porque envolve a percepção sensível de um objeto, a interpretação desta percepção e a relação com o mundo.

Esses elementos, por sua vez, demandam uma atenção ao vivenciar, experiência e a fruição individual e subjetiva, antes de poderem ser pensados no sentido das suas possibilidades de expressão.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

PHOENIX, Woodrow. **Plastic culture: how Japanese toys conquered the world**. Tokyo: Kodansha Internacional, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **O que significa estética**. Trad. de RP Cabral, 2011.